

DURAÇÃO: CURRÍCULO#REFRÃO#REPETIÇÃO#IMAGINAÇÃO
DURATION: CURRICULUM#REFRAIN#REPETITION#IMAGINATION

Antonio Carlos Amorim

Reunião de heterogêneos, multiplicidades em extensão, atravessamentos diferentes para o campo do currículo. Os textos – nomeados dossiês de acordo com as normas das seções da revista *ETD – Educação Temática Digital* – recolhem seus efeitos de um tempo em que configuraram a programação do GT Currículo da ANPEd na 30ª Reunião Anual, ocorrida em 2007, e ao se aproximarem e se posicionarem em seqüência, um após o outro, criam um plano para pensar o currículo com discussões em que pulsa a transição entre Modernidade e Pós-Modernidade, sem síntese e sem soluções. Marcas expressas e carregadas em sentidos pelas imagens, narrativas e objetos (incluindo os discursivos). Memórias e fragmentos de passagem da experiência, que não foi abandonada, pois se lança como signos de aprendizagem sobre e com o currículo.

À semelhança do dossiê temático da Revista Pro-Posições ‘Em multiplicidades, nomeia-se currículo’ (v. 18, n.2 (53) maio/ago. 2007), por mim organizado como coordenador do GT Currículo entre novembro de 2005 a novembro de 2007, para escrever os dossiês deste Número Especial da revista *ETD* também foram convidados outros autores e colegas cuja interlocução dentro e nas bordas do GT Currículo têm sido pulsantes. Um estar junto novamente, na forma de escritas¹.

Os escritos seguintes são, acima de tudo, meus agradecimentos por elas e eles aceitarem o convite e me acompanharem em #.

¹ Veja mais exemplos em <http://www.fe.unicamp.br/gtcurriculoanped/publicacoes.html>, Livros.

Escola*Jéssica e o bambolê*

Não muito ao longe, nem tão perto da experiência perdida de observar o pátio da escola. Ops! Gira o bambolê a menina de trança.

O bambolê escapa de sua cintura fina de criança, e encontra o chão com tanta facilidade. 1, 2, 3, 4 e tantas vezes mais gira, gira e cai. São um corpo, a criança e o bambolê, que cai e gira. E some. E volta com uma bola. E brinca com a bola. Já estou bem próximo e a menina me viu.

Quando me vê, nada existe, pois tudo some: menina, bola, bambolê e chão. O encontro, agora, tem sua corporeidade indelicada, sufocante e lenta, retardada na intensidade do que a percepção, ao longe, deixou livre no giro do bambolê e na batida da bola no chão. Surge o nome, fração insustentável da identidade. Jéssica, 11 anos, 5^a série C. Está de castigo. Sempre está de castigo, diz uma pessoa que passa pelo corredor. Jéssica sobe no muro em frente à quadra, e me diz que é muito curiosa. Gosta de luta, todo tipo de luta.

E Jéssica mora com a avó. Jéssica é toda história, já mudou de escola três vezes em 5 anos; gostava da primeira escola em que estudou. Jéssica é *quase* um clichê de uma criança que está na escola de castigo.

Como uma imagem-signo-expressão do conhecido aparece, por várias vezes, como um símbolo do Mc Donalds, pronto para ser lançado no comum totalitário do reconhecível. Jéssica-clichê-imagem visível desaparece, em sua narrativa identitária, como o bambolê gira, gira e cai no chão. Sem sombras...

-Eu perdi os 50 centavos na sala de aula, e agora só tenho 1 real. Não dá para comprar o salgado, disse Jéssica.

Passa o tempo

- Você quer um pouco de guaraná? pergunta Jéssica

A lata estava em cima da mesa, ao redor da qual algumas outras crianças d 5ªsérie esperavam a diretora para conversar.

Pára o tempo

Faz tantos anos que não venho aqui...

Estou perdido

O encontro, assim como o acontecimento que nasce como uma esperança de existir, é tão efêmero e fugaz que a escrita pode ser o seu retardamento e a potencialização da sua intensidade. O acontecimento é tão perceptível quanto o giro do bambolê, e tão banal como sua queda ao chão. Já os desaparecimentos de Jéssica, do bambolê, da bola e das suas histórias irrompem as forças para um pensamento nos rastros e nos traços da presença. A imagem do vazio, da ausência, é nela que o *quase* acontecimento se instaura.

E, assim, restam fragmentos de um olhar que se aproxima e, quando captura, tudo escapa, nada sobra, e o olho tudo quer sentir. Na superfície, passeia-se. Nos sem-sentidos de superfície, Jéssica prolifera acontecimentos que ainda estão lá, no pátio, incorpóreos, à busca de um susto ou de uma lentidão do tempo para encontrarem fluxos de forças e matéria.

Jéssica não está na sala de aula. Ela está de castigo.

Gira, gira o bambolê.

Currículo²

Era uma vez um Cataplum... Era? Em seus passeios pelo deserto do Currículo, estria-se em formas de escrita, linhas de imagens, dobras proliferantes. O Cataplum não cabe em si, e nem no papel que o representa à superfície. Cataplum, onomatopéia ruidosa, boca aberta do grito de pinturas do Francis Bacon, afecção do encontro pela explosão de perceptos do objeto escrita. Cataplum não pode ficar parado, apreciando a paisagem do deserto, sentindo o vento, a areia e as gotas secas de água, lembrança plena. Cataplum foi ao deserto para intervir, agir e não pode ficar parado. Em suas andanças, corre, corre e inventa para suas sombras, reflexos e sobreposições. Cataplum quer andar em bando, não consegue ficar sozinho. Mas está sozinho, e, assim, inventa imagens a partir de suas expansões na superfície do deserto: dobras em uma duna, aglomerações de sombras produzidas em vários momentos do dia, delírios vibrantes do calor. Em delírio, Cataplum foge da Modernidade, e encontra o relato de afirmação do passado, uma cauda gigante que faz do presente a força do passado. Era Modernidade. Cataplum preenche suas sombras com palavras, letras, sonetos, danças, e um amontoado de objetos-parafenárias. Cataplum tem medo, acha perigoso estar no deserto, desacompanhado e sozinho.

Põe-se a pensar. É, sim senhor, Cataplum pensa e se diz gente. Cataplum tem cada uma, que só vendo. Por isso, Cataplum se desenha e extravasa por entre os grãos de areia do deserto. Sabe o movimento da serpente nas areias do deserto ou dos surfistas nas ondas do mar? Invisível e no movimento? Cataplum tem vontade de fazer isso, mas é perigoso. E se ninguém o vir, se ninguém o encontrar, e ele se perder no deserto para sempre? Sempre? Mas não tem futuro. Sua intervenção é relato, já passou.

Cataplum tropeça em um redemoinho de areia. Não continuará sua caminhada. Decidiu parar. Estava girando, girando, girando em círculos, e já tinha tropeçado naquele redemoinho anteriormente. Decidiu escrever na areia, e aí a brincadeira aconteceu. É

² Texto produzido para diálogo com a dissertação de Mestrado *Uma intervenção no currículo pelo método CATAPLUM* de Antônio Eduardo Leitão Navarro Lins, orientado por Dr. Wladimir Antonio da Costa Garcia na UFSC. De uma forma alegórica, *cataplum* pode ser qualquer e nenhum desejo de definir o currículo.

impossível escrever assim. Será que consegue vencer a força do vento e da mobilidade e firmar a escrita? Só ficam fragmentos, n+1 fragmentos. +1.

Cataplum sente que erra, sua errância está distante do nômade. Por que foi mesmo que decidiu ir para o deserto do Currículo? Tanta gente disse para ele não ir aí, não encontraria nada mesmo. Não foi por falta de aviso. Ora, ora. Foi isso! Lembrou-se. Seu professor de música foi quem disse para ele errar. Esses professores. Cataplum deseja ser professor, para indicar aos outros que errem, dar-lhes esta liberdade que o erro significa. Mas o deserto está por demais vazio. Cataplum se sente, novamente, sozinho.

Agora ele está com uma força que não sabe de onde vem. Depois de ter passado por buscar, nos grãos de areia moventes, *o quê, por quê, como e para quê*, Cataplum enfrenta-se com o querer. Ele quer errar. E, nesta condição, mistura-se ao deserto do Currículo, e aguarda a chuva. Aguarda dias, meses, até que um dia. Não chove. Aqui não chove nunca. E Cataplum decide ir embora. Vira-se de um lado, vira-se de outro, olha para cima, e percebe que criou com o deserto do Currículo uma extensão tão forte de si mesmo, que teria que levar todo o deserto consigo para sair dali. Cataplum virou uma *quase* figura do deserto do Currículo. Virei um professor, grita Cataplum! Grita e ninguém escuta. Grita novamente, e faz tanta força que uma parte da criação é levada ao vento, e grita mais, mais e mais, até despedaçar-se em múltiplos fragmentos, que se espalham pelas superfícies de papel que conhecemos, hoje, no presente, como as letras.

Quando um estudante lê, em voz alta, frases que brotam das folhas de papel, o grito de Cataplum, professor com o deserto do Currículo, é escutado sensivelmente. Há esperança neste grito.

#

A diferença, impressão qualitativa produzida pela contração de impressões sensíveis que se repetem na experiência, é a produção do novo no espírito a partir de um encontro com um signo natural que provoca na imaginação forças antes desconhecidas, forças que ultrapassam a imaginação e a experiência. Não obstante, produzida nesse contato de um eu que contempla e contrai com um mundo que se repete para essa contemplação, a partir de elementos sucessivos e distintos, não se pode dizer que a diferença pertença a um dos lados do encontro: se, como vimos, ela não pertence ao “objeto” que se apresenta enquanto repetição

material, tampouco ela pertence ao eu contemplativo. Antes, a diferença é o resultado desse encontro: a imaginação subtrai uma diferença à repetição e, desse modo, põe o pensamento em movimento³.

Refrão

Na (des)ilusão da experiência, o vazio. Na (des)igualdade do encanto, as cores. No (des)ânimo da pressa, a velocidade. No (des)caso das singularidades, o corpo. No (des) amor, ex-pressão. No (des)aprender, a decepção. No (des)focar, as linhas. No (des)contar, o esquecimento. Na (des)pedida, o encontro. No (des)equilíbrio, a superfície. No (des)aparecimento, as diferenças. No (des)entendimento, a sensação. No (des)prender, o organismo. Na (des)pretensão, o pensamento.

Imaginação⁴

Escrita encontros pu(1)sação imagem desconstruir aprendizagem. O plano de criação e organização de pensamento que imanentemente se nos apresenta em páginas escritas, espiraladas e deslocadas convida a um tempo adensado do *estar* no currículo. Ei, leia bem, e com cuidado. Não é estar, é Ser, Tempo, Devir, Diferença. Há, sim, um *estado* do novo, da invenção, da ruptura, e da contraposição. Não, não, não! Leia novamente, agora de trás para frente, desmonte o texto, (des)crê – va-o . Faça-o sair da crença de que linhas de escrita são, em si, liberdade. Virtualize as linhas nos enquadramentos, nas fotografias, nas legendas, no diagrama das imagens luz e cor. É isso que você quer: que se insista na luz, na perspectiva e num plano de persistência, numa repetição *ad infinitum*. Tudo está ali, basta saber interpretá-lo.. Seja sem sentido. Ser sem sentido. Sente, afecta-se, percepta-se. Veja a Figura pelas linhas da escrita. Viu? Ora, ora, ver fenomenologicamente, para interpretar, é coisa do Homem, este Ser aprisionador da vida, que julga e submete o outro, fascista e violento.

³ FORNAZARI, Sandro K. *O esplendor do Ser. A composição da Filosofia da Diferença em Gilles Deleuze* (1952-1968). Tese (Doutorado em Filosofia). São Paulo: FFCLH/USP, 2005, p. 148

⁴ Em linhas de fuga, efeitos do projeto de dissertação de Mestrado de Raquel Andrade Ferreira – *Dilaceração* Uma poética do aprender em artes – orientanda do Dr. Jarbas Santos Vieira (UFPel). O Ser e o Devir são, por reticências, a duração de #.

ANTONIO CARLOS AMORIM

Professor na Faculdade de Educação da UNICAMP e
Pesquisador do Laboratório de Estudos Audiovisuais (OLHO) e
Produtividade em Pesquisa do CNPq
E-mail: acamorim@unicamp.br

Recebido em: 10/03/2008

Publicado em: 20/10/2008